

Histórias da ecologia

Núcleo: Territórios, migrações e fronteiras

**Texto da exposição
em fonte ampliada**

Português

SUMÁRIO

Texto de abertura.....	p.8
Texto de Núcleo.....	p.13
Mapa do espaço expositivo.....	p.15
Mapa de obras tridimensionais no espaço expositivo	p.16

Parede 1

Mapa da Parede 1.....	p.17	
LATOYA	RUBY	FRAZIER:
<i>United States Steel Mon Valley Works Edgar Thomson Plant.....</i>		
<i>U.S.S. Edgar Thomson Plant, Mon Valley Works, on Braddock Avenue.....</i>		
<i>The Bottom (Talbot Towers, Allegheny County Housing Projects).....</i>		
<i>Fifth Street Tavern and UPMC Braddock Hospital on Braddock Avenue.....</i>		
<i>Huxtables, Mom and MeHuxtables, Me.....</i>		

<i>Landscape of the Body (Epilepsy Test)</i>	p.19
<i>Momme</i>	p.19
LUANA VITRA, <i>MURMÚRIO-MOTIM</i>	p.20

Parede 2

Mapa da Parede 2.....	p.22
BUREAU D'ÉTUDES, <i>Earth Stewardship</i>	p.22

Parede 3

Mapa da Parede 3.....	p.24
FORENSIC ARCHITECTURE, <i>No Traces of Life: Israel's Ecocide in Gaza 2023—2024</i>	p.24
KEG DE SOUZA, <i>Blue Haze</i>	p.26
ATEŞ ALPAR, <i>Sem título</i>	p.27

Parede 4

Mapa da Parede 4.....	p.28
DJANIRA DA MOTTA E SILVA, <i>Mina de ferro, Itabira, CVRD</i>	p.28
MANFREDO DE SOUZANETTO, <i>É proibido</i>	

<i>arrancar ou danificar montanhas</i>	p.29
MULHERES ATINGIDAS DE BRUMADINHO, MINAS GERAIS, <i>5 de janeiro</i>	p.29
CAROLINA CAYCEDO, <i>Maria do Carmo Silva D'Angelo</i>	p.30
CAROLINA CAYCEDO, <i>Nilce “Nicinha” de Souza Magalhães</i>	p.31
CAROLINA CAYCEDO, <i>Dilma Ferreira Silva</i> ..	p.31

Painéis

Mapa dos Painéis.....	p.32
MABE BETHÔNICO, <i>Elite mineral</i>	p.33

Parede 5

Mapa da Parede 5.....	p.35
CECÍLIA MELENDEZ, <i>Taking Care of My Husband with Plants</i>	p.35
MULHERES ATINGIDAS DA REGIÃO DE TAPAJÓS, PARÁ, <i>Pandemia</i>	p.36
COOPERATIVA GRÁFICA LA VOZ DE LA	

MUJER, <i>Somos esenciales</i>	p.36
SANTIAGO YAHUARCANI, <i>Después del COVID-19 — La Amazonía</i>	p.38

Parede 6

Mapa da Parede 6.....	p.39
NOHEMÍ PÉREZ, <i>De la serie Darién: Los sueños de Eloisa</i>	p.39
MELANIE CERVANTES, <i>Ya Basta!</i>	p.41

Parede 7

Mapa da Parede 7.....	p.42
HÉLIO MELO, <i>Expulsão I</i>	p.42
HÉLIO MELO, <i>Desmatamento</i>	p.42
SEPP BAENDERECK, <i>Na Transamazônica, entre Marabá e Altamira</i>	p.43

Parede 8

Mapa da Parede 8.....	p.45
INCA (COLONIAL), <i>Kero (vaso ritual)</i>	p.45
FREDERICO FILIPPI, <i>Horror Vacui</i>	p.46
ROSANA PAULINO, <i>A permanência das estruturas</i>	p.47

Espaço 9

Mapa do Espaço 9.....	p.48
TABITA REZAIRE, <i>Deep Down Tidal</i>	p.48

Obra tridimensional no espaço expositivo

Mapa da Obra tridimensional no espaço expositivo.....	p.50
YINKA SHONIBARE, <i>Refugee Astronaut XI</i> ...	p.50

HISTÓRIAS DA ECOLOGIA

No ano em que o Brasil sedia a COP30 – Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, em Belém do Pará, o MASP apresenta a exposição *Histórias da ecologia*. Esta é a oitava mostra do museu dedicada a histórias diversas, plurais e polifônicas desde 2016. Não se trata de uma resposta direta à conferência, mas de um enfoque ampliado. Para além da urgência incontornável da crise climática, a exposição expande o conceito de ecologia, analisando, por meio do trabalho de artistas, ativistas e movimentos sociais, as relações entre seres humanos e mais-que-humanos — que incluem animais, plantas, rios, florestas, montanhas e fungos.

A escolha do termo “ecologia”, em lugar de “natureza”, é aqui uma decisão conceitual. Ao contrário de concepções que isolam a natureza como entidade exterior à sociedade, a ecologia é compreendida como trama relacional, um campo de forças em constante transformação, que questiona dicotomias como natureza/cultura, sujeito/objeto, humano/não humano. Essa abordagem dialoga com propostas contemporâneas de uma virada ecológica nas ciências humanas e sociais, que repensam os modos de produção de conhecimento a partir da multiplicidade de mundos e ecossistemas.

Com obras de 116 artistas, em sua maioria oriundos do chamado Sul Global, *Histórias da ecologia* amplia essa rede para estabelecer alianças entre Sul e Norte, reconhecendo que a crise climática exige ações coordenadas,

solidárias e urgentes. Muitas obras revelam não apenas os efeitos, mas também as raízes históricas do colonialismo, do racismo ambiental e do capitalismo global sobre corpos, territórios e ecossistemas.

A mostra é organizada em cinco núcleos, sugeridos nesta ordem de visita, do sexto ao segundo andar do edifício: *Teia da vida*, *Geografias do tempo*, *Vir-a-ser*, *Territórios, migrações e fronteiras* e *Habitar o clima*. A exposição transita entre saberes geológicos, biográficos, espirituais, comunitários e planetários. Propõe, assim, reconhecer cosmologias que resistem à destruição da vida e instaurar espaços de imaginação crítica, nos quais o futuro se apresenta como campo de disputa e responsabilidade coletiva.

Curadoria: André Mesquita e Isabella Rjeille, MASP

A exposição faz parte do programa anual do MASP dedicado às *Histórias da Ecologia* em 2025, que inclui monográficas de Abel Rodríguez, Clarissa Tossin, Claude Monet, Frans Krajcberg, Hulda Guzmán, Minerva Cuevas, Movimento dos Atingidos por Barragens, Taniki Yanomami, bem como mostras na Sala de Vídeo de Emilija Škarnulytė, Inuk Silis Høegh, Janaina Wagner, Maya Watanabe, Tania Ximena e Vídeo nas Aldeias.

Desde 2019 o MASP tem um grupo de trabalho de sustentabilidade e desenvolve ações como descarbonização, compra de energia renovável e um programa de gestão de resíduos, iniciativas que se somam à programação de *Histórias da Ecologia* este ano. O novo edifício Pietro Maria

Bardi também incorpora soluções sustentáveis, conquistando certificação LEED (Leadership in Energy and Environmental Design).

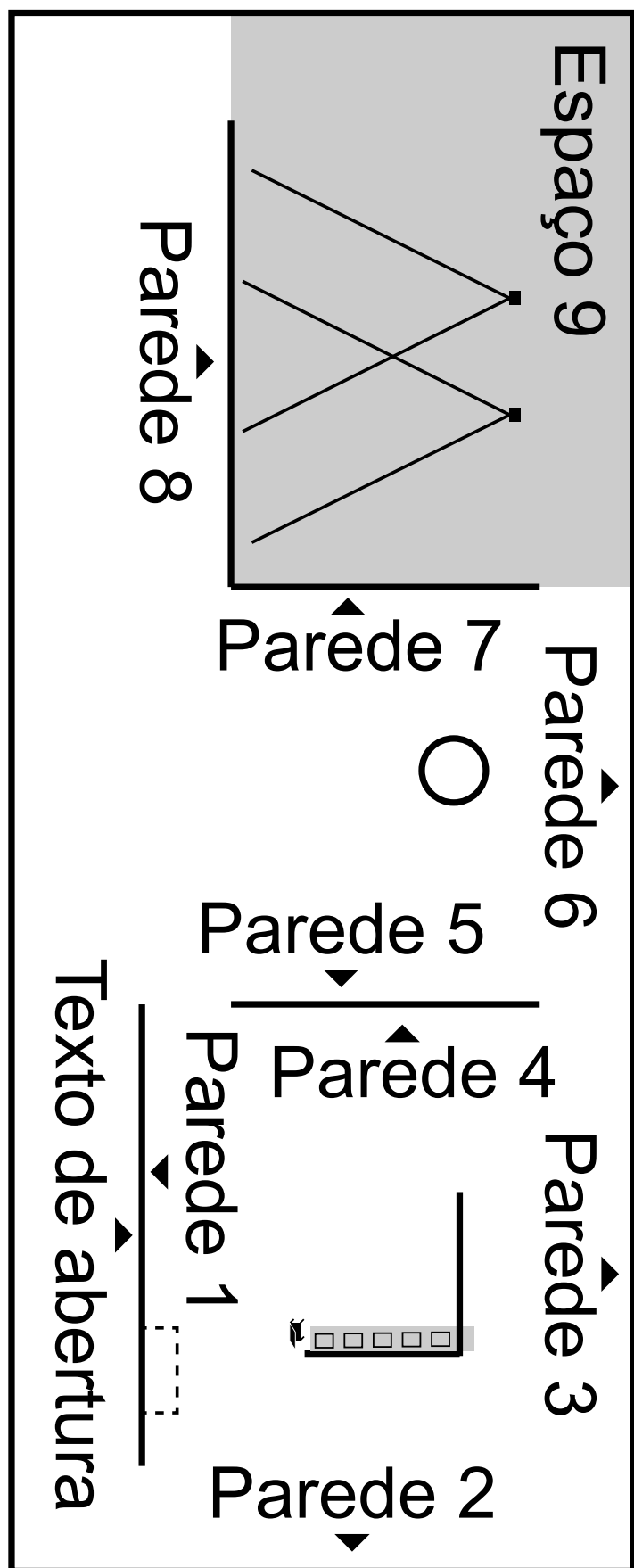
Texto de Núcleo: TERRITÓRIOS, MIGRAÇÕES E FRONTEIRAS

A crise climática tem provocado debates intensos que vão além do aquecimento global. Uma questão igualmente urgente — embora muitas vezes negligenciada — vem ganhando destaque: a dos deslocamentos forçados decorrentes das transformações ambientais que reconfiguram paisagens, comunidades e modos de vida. Crimes ambientais, racismo, guerras e políticas extrativistas têm expulsado povos originários e populações vulneráveis de seus territórios, impondo mudanças abruptas e traumáticas.

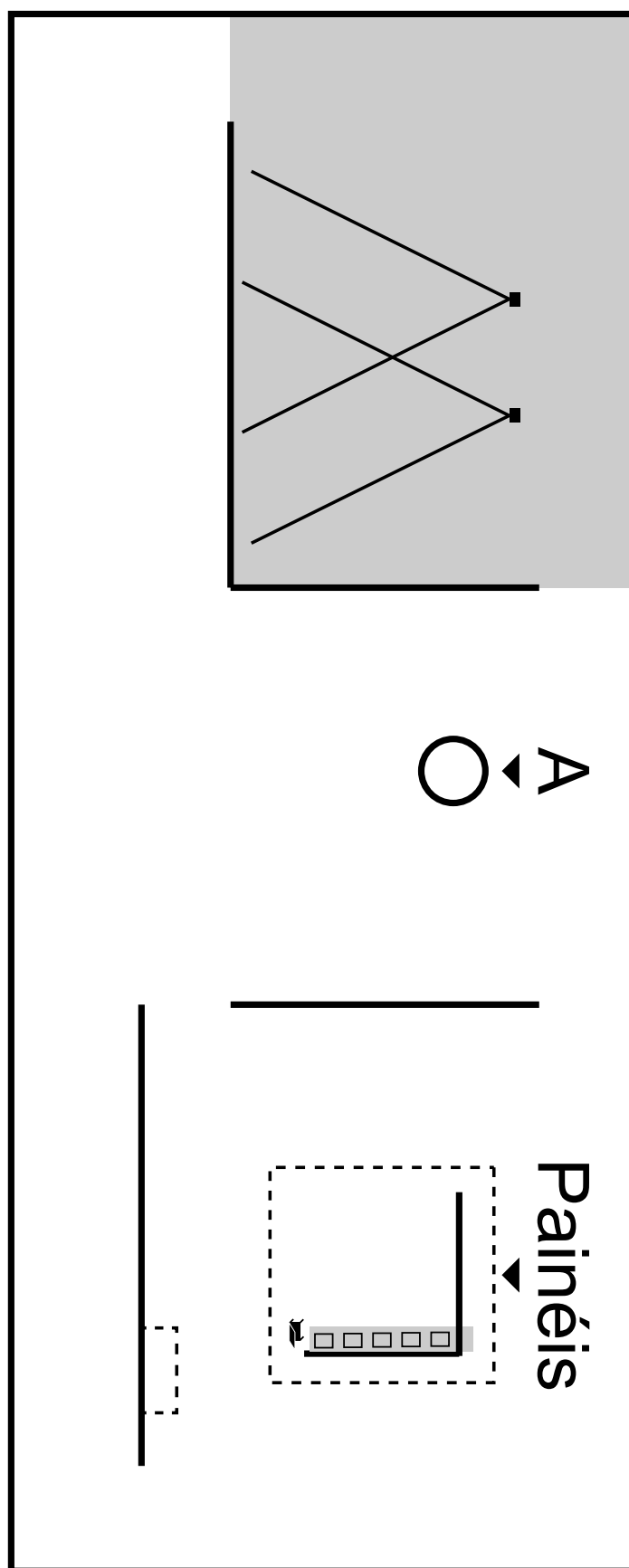
Territórios, migrações e fronteiras aborda esses deslocamentos forçados, os fluxos migratórios e as fronteiras — tanto físicas quanto sociais — que moldam essas experiências. A crise iniciada

com as invasões coloniais no fim do século XV — marcada pelo genocídio de populações nativas e pela escravização de milhões de pessoas — se agravou com a expansão acelerada do capitalismo fóssil, a adoção de modelos energéticos movidos exclusivamente pelo lucro e práticas extrativistas predatórias. Esses processos impactam de forma desproporcional comunidades indígenas, ribeirinhas, quilombolas, populações periféricas e outros grupos historicamente expropriados. Este núcleo explora os múltiplos territórios e narrativas que emergem desses deslocamentos, carregando memórias e cicatrizes das violências extrativistas, mas também revelando formas de resistência, imaginação e reinscrição de sentidos nos espaços marcados pela transformação e pelo conflito.

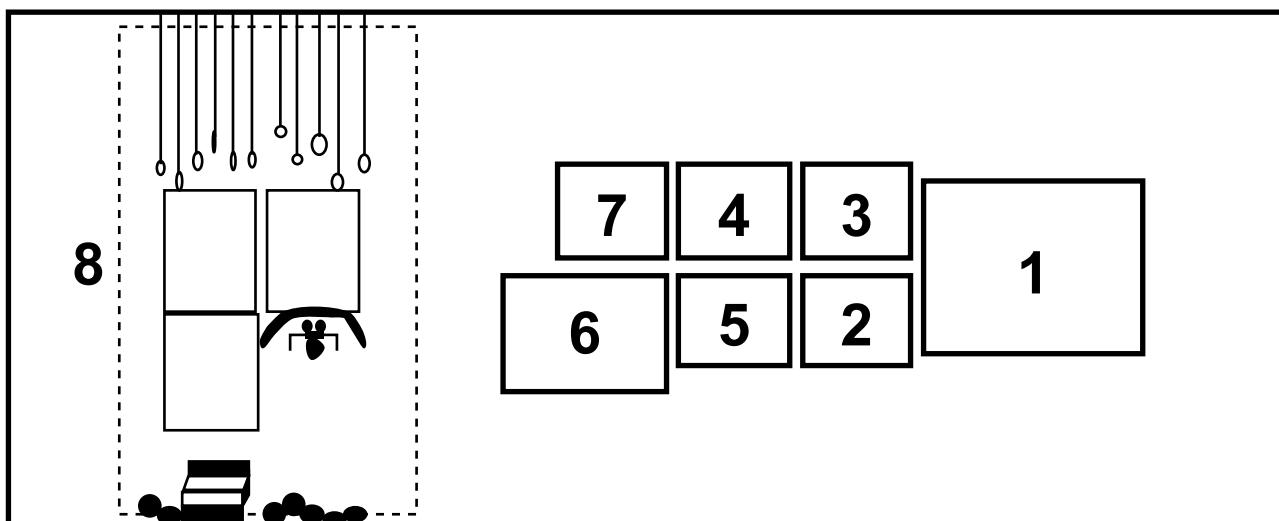
Mapa do espaço expositivo



Mapa de obras tridimensionais no espaço expositivo



PAREDE 1



LaToya Ruby Frazier

Braddock, Estados Unidos, 1982, vive entre New Brunswick, Braddock e Nova York

1. *United States Steel Mon Valley Works*

Edgar Thomson Plant [Usina Edgar

Thomson da United States Steel Mon Valley Works], 2013

2. *U.S.S. Edgar Thomson Plant, Mon Valley Works, on Braddock Avenue* [Usina U.S.S. Edgar Thomson, Mon Valley Works, na avenida Braddock], 2009

3. *The Bottom (Talbot Towers, Allegheny County Housing Projects)* [The Bottom (Talbot Towers, projetos habitacionais do condado de Allegheny)], 2009

4. *Fifth Street Tavern and UPMC Braddock Hospital on Braddock Avenue* [Fifth Street Tavern e hospital UPMC Braddock na avenida Braddock], da série *The Notion of Family* [A ideia de família], 2011

5. *Huxtables, Mom and MeHuxtables, Me* [Os Huxtables, mamãe e eu], da série *The Notion of Family* [A ideia de família], 2008

6. *Landscape of the Body (Epilepsy Test)*

[Paisagem do corpo (Teste de epilepsia)], da série *Landscape of the Body* [Paisagem do corpo], 2011

7. *Momme* [Mãeu], da série *The Notion of Family* [A ideia de família], 2008

Ampliação em gelatina e prata

Coleção da artista, Braddock

Na série fotográfica *The Notion of Family*, LaToya Ruby Frazier documenta a trajetória de três gerações de mulheres negras de sua família — sua avó, sua mãe e ela mesma — na cidade de Braddock, na Pensilvânia. Suas imagens pessoais capturam o declínio da indústria siderúrgica local, a poluição provocada pelas fábricas, o desemprego estrutural, a gentrificação

e o abandono governamental. Ao dar visibilidade a vidas marginalizadas pelo racismo e pela lógica extrativista e industrial, a narrativa visual de Frazier revela como a omissão contínua e os impactos da destruição econômica e ambiental atravessam corpos e afetos.

Luana Vitra

Belo Horizonte, Brasil, 1995, vive em
Contagem, Brasil

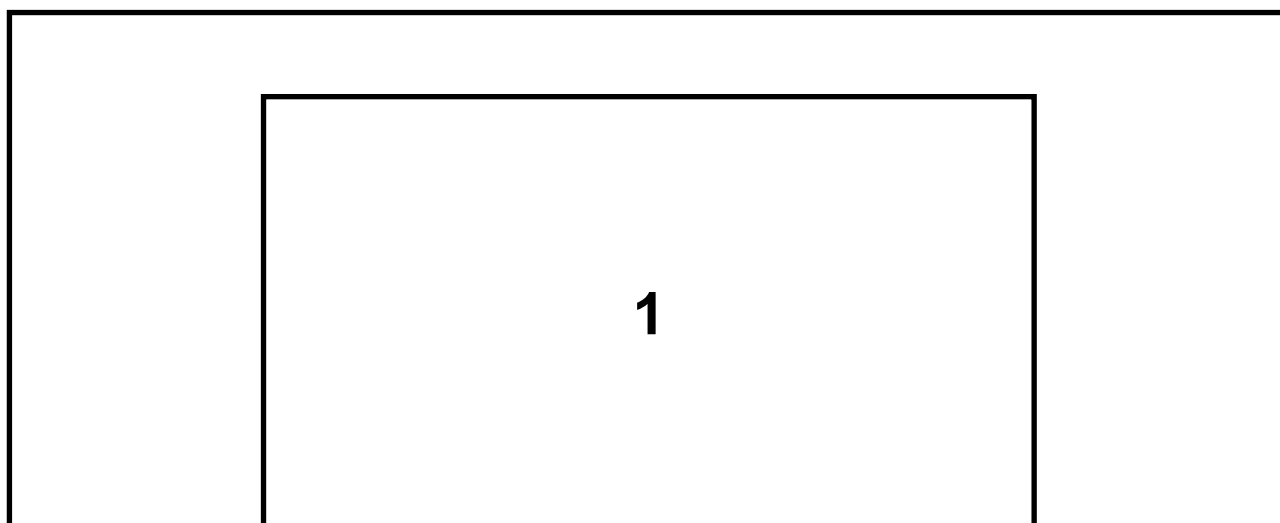
8. *MURMÚRIO-MOTIM*, 2020

Ferro, madeira, pedra de minério de ferro,
arame, plástico, cobre, peso de ferro, tinta
acrílica e borracha

Coleção da artista, Contagem, Brasil

Em *Murmúrio-motim*, Luana Vitra apresenta uma instalação com pedras de minério de ferro, arame, madeira, cobre e borracha. A obra é uma homenagem a seu bisavô, Domingos Zacarias, morto por silicose — doença causada pela inalação contínua de poeira mineral — após anos de trabalho na Mina do Morro Velho, em Nova Lima (MG). Ao articular matéria e história, a artista denuncia o sofrimento silenciado dos trabalhadores vitimados pela extração exaustiva e pela negligência das mineradoras. Vitra transforma dor em denúncia em uma espécie de memorial, expondo as marcas corporais e territoriais de um sistema extrativista fundado na desigualdade e no apagamento.

PAREDE 2



Bureau d'Études

Paris, 1998 - em atividade

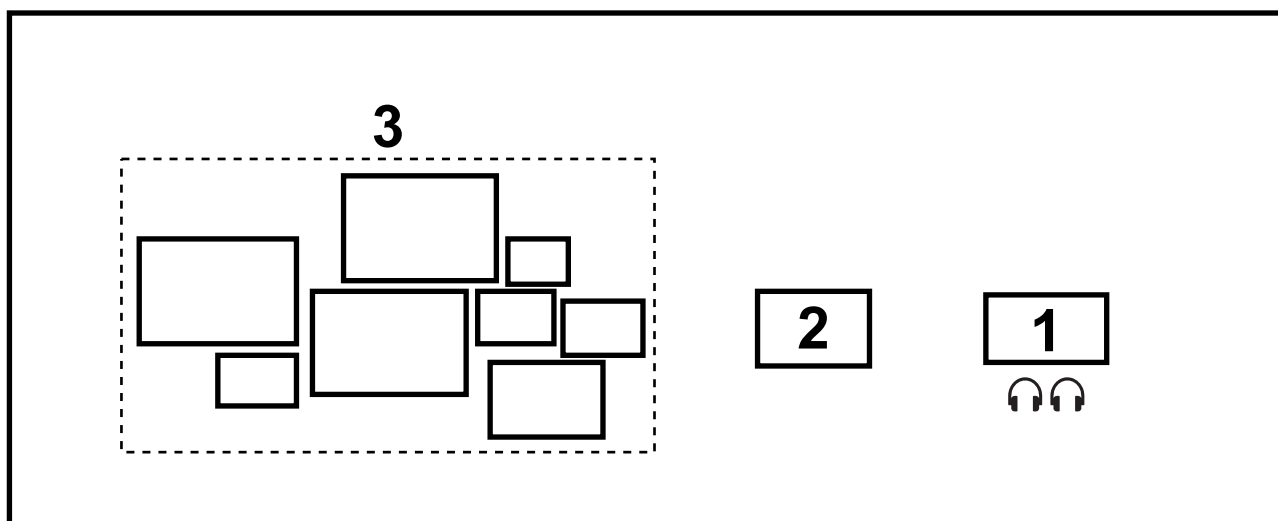
1. *Earth Stewardship* [Gestão responsável da Terra], 2025

Ilustração digital sobre papel

Coleção dos artistas Saint-Menoux, França

O mapa do Bureau d'Études organiza o planeta em “esferas” — litosfera, hidrosfera, atmosfera, semiosfera, tecnosfera, exosfera — que formam sua estrutura ontológica. Cada esfera abriga atividades produtivas específicas, interligadas por campos (como defesa, finanças, petróleo), núcleos (corporações dominantes) e zonas (alianças ou conflitos). Esses elementos compõem uma cadeia global de produção: o “planeta-fábrica”, que também é um “planeta-laboratório”, pois transforma a Terra e a vida. Embora essa estrutura concentre poder em poucos centros políticoeconômicos, ela é atravessada por resistências e contra-mundos que experimentam outros modos de existência e futuros possíveis, mesmo em escalas mínimas.

PAREDE 3



Forensic Architecture

Londres, 2010 - em atividade

1. *No Traces of Life: Israel's Ecocide in Gaza 2023—2024* [Sem sinal de vida: o ecocídio de Israel em Gaza 2023-2024], 2024

Vídeo, som 7'25"

Coleção dos artistas, Londres

A Forensic Architecture, agência de pesquisa da Goldsmiths (Universidade de Londres), utiliza tecnologias arquitetônicas para investigar casos de violência estatal e violação de direitos humanos. No vídeo *No Traces of Life: Israel's Ecocide in Gaza 2023–2024*, a agência revela um padrão sistemático de destruição de campos agrícolas e pastos de animais por ataques de Israel, além do envenenamento do lençol freático em Gaza. Mais de 2 mil áreas cultiváveis foram devastadas e substituídas por terraplenagem militar. Por meio de mapas, imagens de satélite e modelagem 3D, a investigação evidencia que o conflito militar destrói infraestruturas essenciais à segurança alimentar.

Keg de Souza

Perth, Austrália, 1978, vive em Sidney

2. *Blue Haze* [Névoa azul], 2023

Cartografia desenhada à mão impressa em vidro e folhas de eucalipto

Coleção da artista, Sydney

Keg de Souza se dedica a pesquisar a trajetória do eucalipto, desde sua origem na Austrália até sua disseminação global pelos colonizadores britânicos. *Blue Haze*, uma cartografia desenhada à mão e impressa em vidro sobre folhas de eucalipto, traça a história dessa árvore, que hoje ocupa mais de 20 milhões de hectares no mundo, 7,5 milhões deles no Brasil. O título da obra remete à névoa azul formada pela combinação do óleo das folhas de eucalipto com poeira e

vapor. O deslocamento do eucalipto de seu ecossistema original — as terras aborígenes e seus saberes tradicionais — causou graves impactos à biodiversidade e ao clima.

Ateş Alpar

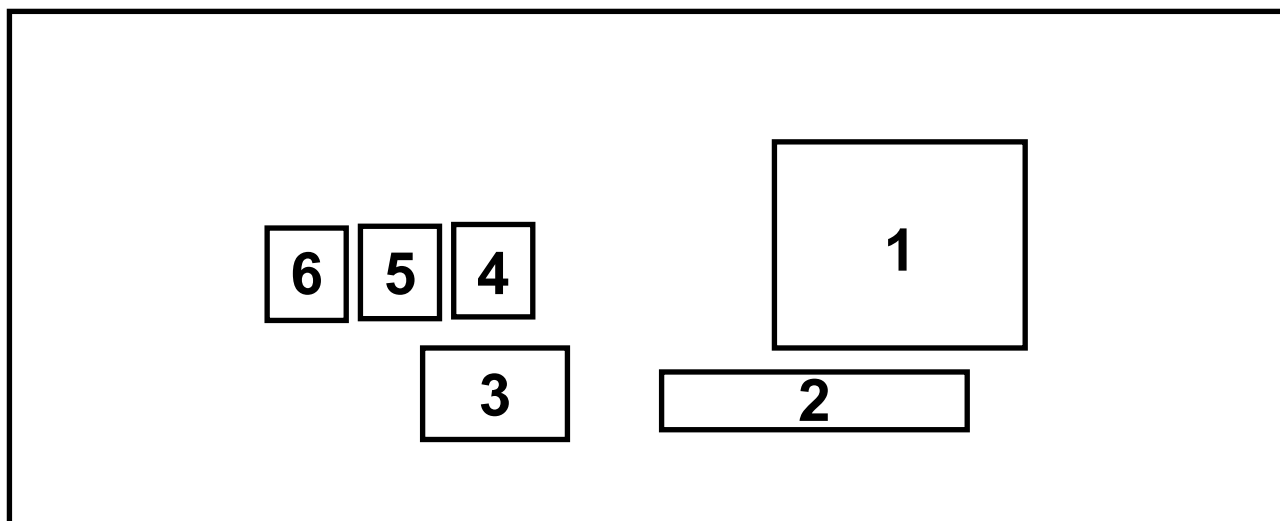
Nusaybin, Turquia, 1988, vive em Istambul

3. *Sem título*, da série *Taş Kabuk Sessiz*
[Concha de pedra silenciosa], 2020-23

C-Print sobre papel

Coleção de artista, Istambul

PAREDE 4



Djanira da Motta e Silva

Avaré, Brasil, 1914—1979, Rio de Janeiro

1. *Mina de ferro, Itabira, CVRD*, 1976

Óleo sobre tela

Coleção Luiz Carlos Ritter, Rio de Janeiro

Manfredo de Souzanetto

Jacinto, Brasil, 1947, vive no Rio de Janeiro

2. É proibido arrancar ou danificar montanhas, 1974

Fotografias documentais

Coleção do artista, Rio de Janeiro

Mulheres Atingidas de Brumadinho, Minas Gerais

Brumadinho, Brasil

3. 25 de janeiro, 2019

Bordado sobre tecido

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação Movimento dos Atingidos por Barragens no contexto da exposição *Histórias brasileiras*, 2021-25

Carolina Caycedo

Londres, 1978, vive em Los Angeles

My Brazilian Feminine Lineage of Struggle

[Minha linhagem brasileira feminina de luta],
da série *Genealogy of Struggle* [Genealogia
da luta], 2018-19

4. Maria do Carmo Silva D'Angelo

Ativista do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Silva D'Angelo foi desalojada após o rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, Minas Gerais.

5. Nilce “Nicinha” de Souza Magalhães

Líder do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), denunciou violações de direitos humanos cometidas pelo consórcio Energia Sustentável do Brasil (ESBR) na construção da Usina Hidrelétrica em Jirau, Rondônia. Nicinha foi assassinada em 2016.

6. Dilma Ferreira Silva

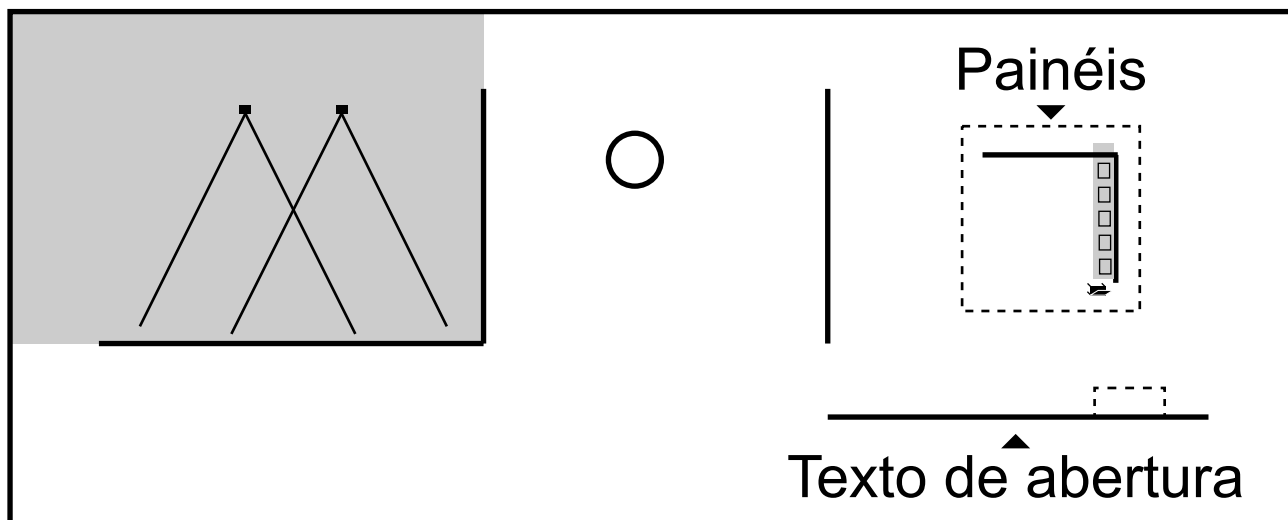
Coordenadora regional do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), em Tucuruí, no Pará. Silva foi assassinada em 2019.

Nanquim sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand,
doação da artista no contexto da exposição

Histórias das mulheres, histórias feministas, 2019

PAINÉIS



Mabe Bethônico

Belo Horizonte, Brasil 1966, vive entre Arles,
França, e Genebra

em colaboração com Victor Galvão e Ana
Carolina Reginatto

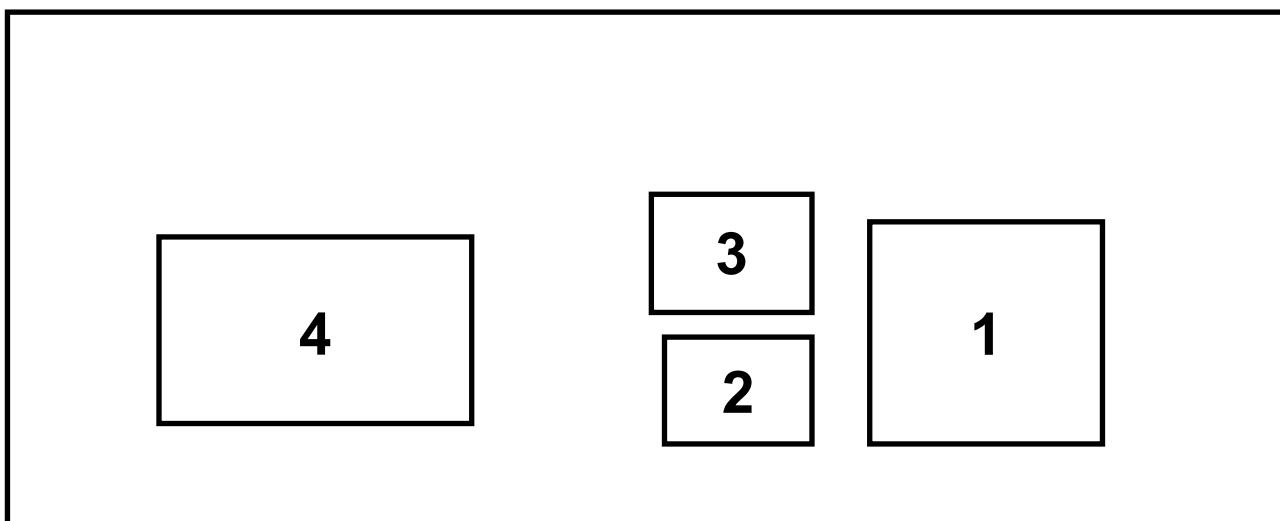
***Elite mineral*, 2019**

Impressão jato de tinta com pigmento mineral sobre papel; vídeo; reproduções de cartilhas do programa de alfabetização de adultos “Viver é lutar” (Fundo MEB, Arquivo Cedec, PUC-SP); Cartilha Perguntar e saber, Mabe Bethônico e Jônio Bethônico, 2019
Coleção da artista, Genebra

Elite mineral analisa o desenvolvimento da mineração no Brasil durante a ditadura militar (1964-1985). A partir de uma análise de documentos históricos — como jornais, protocolos oficiais e uma cartilha de alfabetização de adultos desenvolvida na época —, a pesquisa examina o processo de consolidação de um modelo extrativista voltado à exportação. O trabalho destaca o debate sobre a nacionalização

do setor que antecedeu o golpe de 1964 e as articulações políticas que favoreceram empresas estrangeiras, refletindo ainda sobre a resistência popular e parlamentar a esse projeto de exploração dos recursos minerais em benefício de interesses externos.

PAREDE 5



Cecília Melendez

Shipibo–Konibo, Peru, 1984 vive em Lima

1. *Taking Care of My Husband with Plants*

[Cuidando do meu marido com plantas], 2021

Acrílica sobre tela

Coleção da artista, Lima

Mulheres Atingidas da região de Tapajós, Pará

Pará, Brasil

2. *Pandemia*, 2022

Bordado sobre tecido

Movimento dos Atingidos por Barragens
(MAB), Brasil

Cooperativa Gráfica la Voz de la Mujer

Buenos Aires, 2003 - em atividade

3. *Somos esenciales* [Somos essenciais], 2020

Xilobordado

Cooperativa Gráfica La Voz de La Mujer,
Buenos Aires

Combinando bordado e xilogravura em tecido, La Voz de la Mujer — uma cooperativa autogestionada de mulheres migrantes da Bolívia e do Paraguai, radicadas em Buenos Aires — define a sua prática como uma gráfica “passafronteiras”. No xilobordado *Somos esenciales*, o grupo apresenta uma cena em que as mulheres assumem os cuidados durante a pandemia: todas usam máscaras, enquanto uma delas prepara e distribui alimentos. Seus trabalhos coletivos articulam imagens de experiências pessoais da migração com a memória de lutas sociais e políticas de diferentes movimentos, em um processo de partilha de práticas e saberes.

Santiago Yahuarcani

Cocama, Uitoto, Peru, 1966, vive em Pebas, Peru

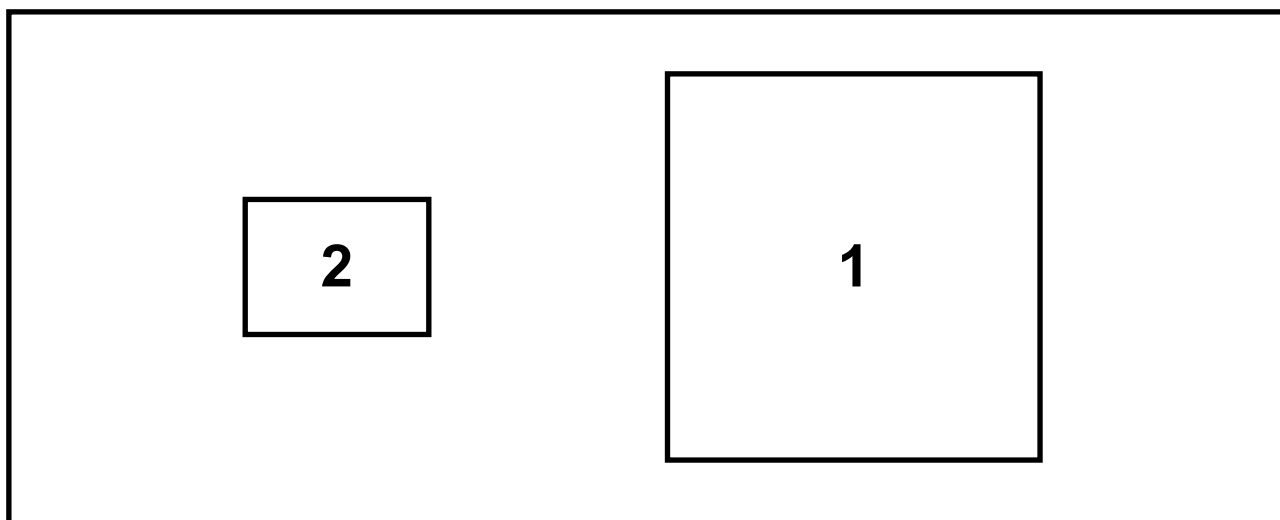
4. *Después del COVID-19 — La Amazonía*

[Depois da covid-19 — a Amazônia], 2020

Pigmento natural e acrílica sobre *llanchama*

Coleção do artista, Pebas, Peru

PAREDE 6



Nohemí Pérez

Tibú, Colômbia, 1964, vive em Bogotá

1. *De la serie Darién: Los sueños de Eloisa*

[Da série Darién: os sonhos de Eloisa], 2024

Carvão sobre tela bordada

Coleção da artista, Bogotá

A migração — humana ou não humana — é uma ação natural que desafia fronteiras impostas por lógicas de dominação. Essa ideia atravessa o trabalho da artista colombiana Nohemí Pérez. Em um de seus desenhos da série *Darién*, pequenas figuras humanas bordadas caminham sobre folhas. O contraste entre as escalas dos corpos bordados e das plantas desenhadas sugere tanto a ameaça quanto a proteção que uma floresta pode oferecer. Pérez investiga as travessias migratórias do desfiladeiro de Darién — uma vasta área de floresta tropical e pântano entre a Colômbia e o Panamá, ponto onde a Rodovia Panamericana se interrompe.

Melanie Cervantes

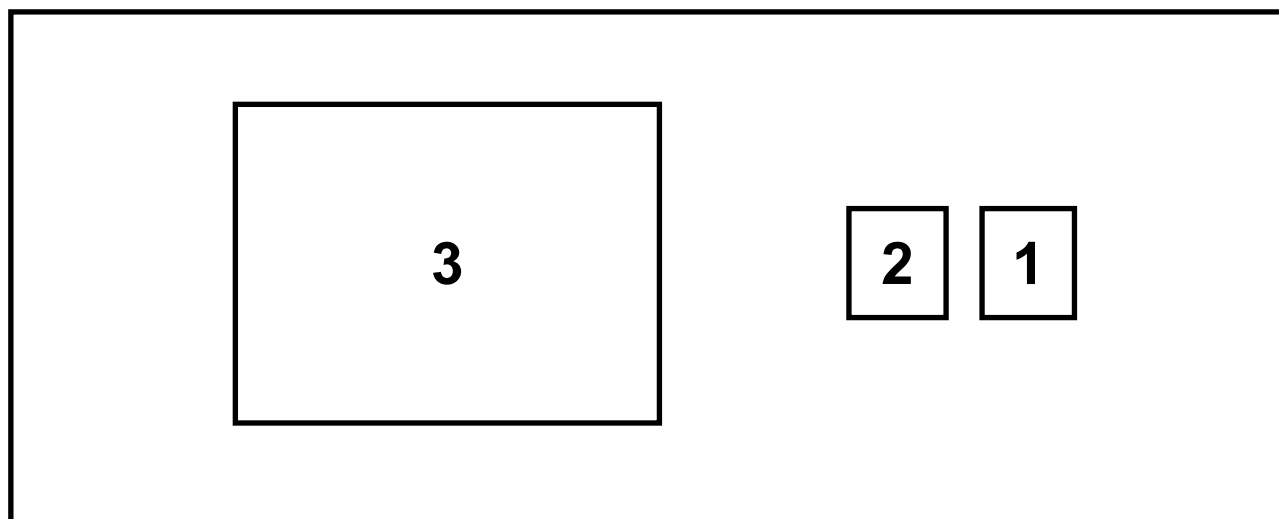
Harbor City, Estados Unidos, 1977, vive em San Leandro, Estados Unidos

2. *Ya Basta!* [Já chega!], 2018

Impressão digital sobre papel

Coleção da artista, Califórnia, Estados Unidos

PAREDE 7



Hélio Melo

Boca do Acre, Brasil, 1926—2001, Goiânia, Brasil

1. *Expulsão I*, da série *Via Sacra da Amazônia*, 1990

2. *Desmatamento*, da série *Via Sacra da Amazônia*, 1990

Nanquim e extrato de folhas sobre papel
sobre aglomerado de madeira

Almeida & Dale, São Paulo

Sepp Baendereck

Uzice, atual Sérvia e Montenegro, 1920—1988,
São Paulo

3. Na Transamazônica, entre Marabá e Altamira, 1977

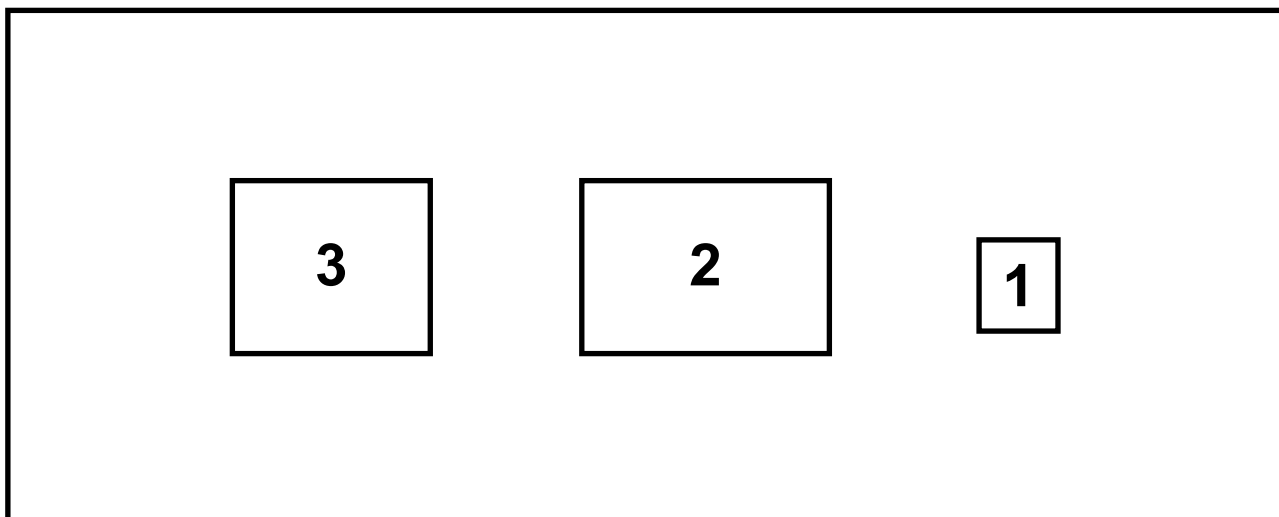
Óleo sobre tela

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação Família Baendereck,
no contexto da exposição *Histórias
brasileiras*, 2022

A Transamazônica, inaugurada em 1972 durante a ditadura militar, simboliza uma violenta invasão territorial e o genocídio de povos indígenas. Com a pintura Na Transamazônica entre Marabá e Altamira, Sepp Baendereck denuncia os impactos da construção da rodovia: desmatamento, grilagem, garimpo, transporte ilegal de madeira, disseminação de doenças e violência. Sua pintura revela uma paisagem arruinada, marcada pela destruição ambiental e social. A obra evidencia como esse megaprojeto impôs uma lógica devastadora ao território. Baendereck questiona os mitos do progresso e revela os efeitos brutais do extrativismo promovido pelo regime militar.

PAREDE 8



Inca (Colonial)

Peru, *circa* 1532-1572

1. *Kero (vaso ritual)*, *circa* 1532-1572

Madeira

Comodato MASP Landmann

Frederico Filippi

São Carlos, Brasil, 1983, vive em São Paulo

2. *Horror Vacui*, 2021

Óleo e carvão sobre tela

Coleção do artista, São Paulo

Em *Horror vacui*, linhas desenhadas a carvão atravessam uma pintura a óleo com figuras de animais marinhos, como os que povoam antigas cartografias. Elas sugerem rotas de deslocamentos marítimos e migratórios que revelam os poderes e silêncios dos mapas.

Para o artista, o Atlântico não é apenas um mar entre continentes, mas um território comum e disputado. Suas correntes moldaram trajetos, desviaram embarcações e embaralharam mapas. Por ali circularam navios, piratas,

escravizados e migrantes, em processos contínuos de trocas violentas e encontros forçados. Nesse fluxo, africanos, europeus e indígenas se cruzaram, gerando novas formas de vida, cultura e resistência. As marcas desse passado ainda persistem.

Rosana Paulino

São Paulo, 1967, vive em São Paulo

3. *A permanência das estruturas*, 2017

Impressão digital sobre tecidos, recorte e costura

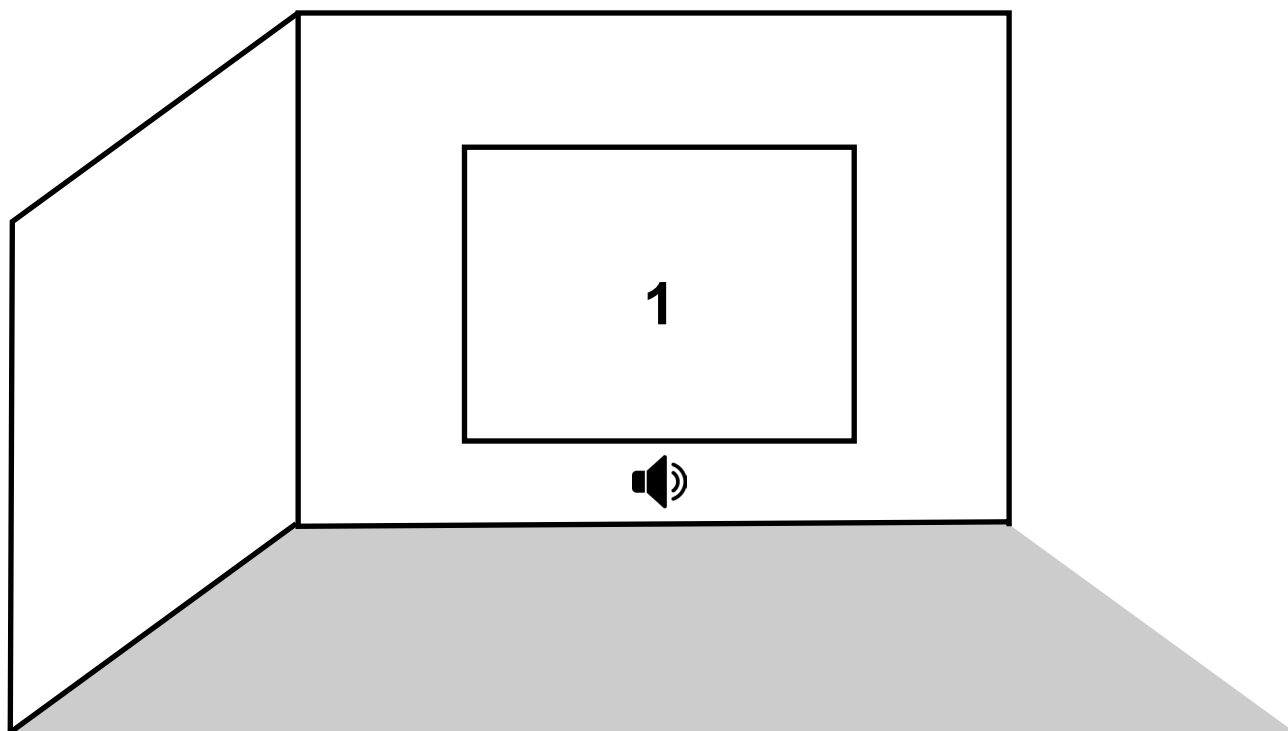
Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação Fernando Abdalla

e Camila Abdalla no contexto da exposição

Histórias afroatlânticas, 2018

ESPAÇO 9



Tabita Rezaire

Paris, 1989, vive em Cayenne, Guiana Francesa

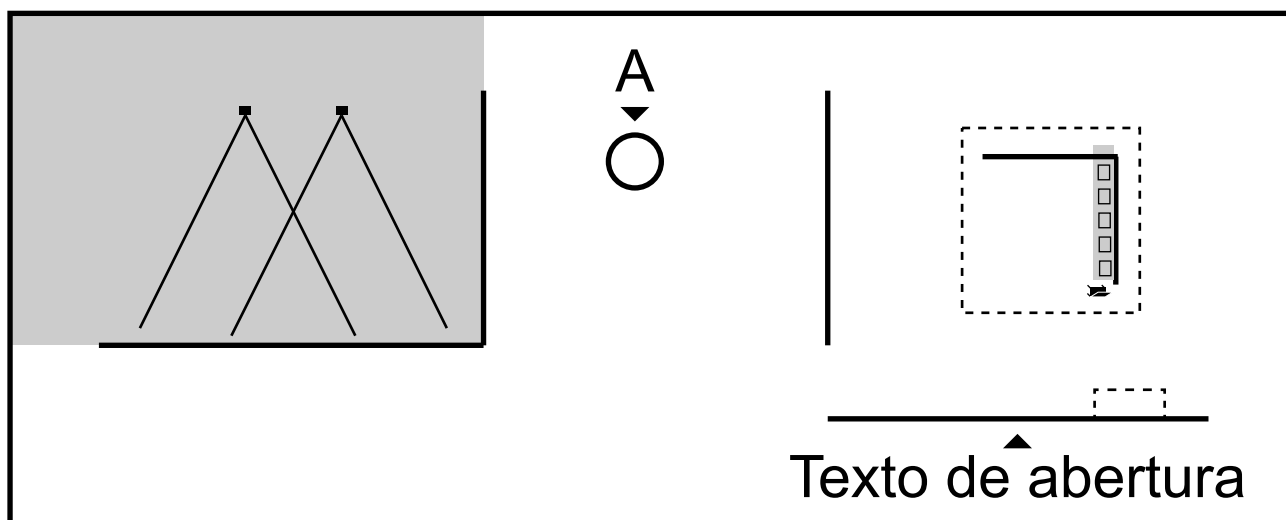
1. *Deep Down Tidal* [Maré profunda], 2017

Vídeo HD, 18'44"

Coleção da artista Cayenne, Guiana Francesa

O vídeo *Deep Down Tidal*, de Tabita Rezaire, revela histórias submersas nos oceanos e expõe como as redes globais de comunicação, baseadas em cabos submarinos de fibra óptica, seguem antigas rotas coloniais de tráfico escravagista. Rezaire desconstrói a noção de que os dados digitais flutuam “na nuvem”, mostrando que eles percorrem o fundo do mar por caminhos marcados por violência e extermínio. A artista relaciona as infraestruturas tecnológicas atuais às arquiteturas coloniais de dominação, evidenciando como o capital perpetua desigualdades históricas. Para ela, as rotas digitais de hoje são herdeiras diretas das rotas genocidas do passado.

OBRA TRIDIMENSIONAL NO ESPAÇO EXPOSITIVO



Yinka Shonibare

Londres, 1962, vive em Londres

A. Refugee Astronaut XI [Astronauta
refugiado XI], 2024

Manequim em fibra de vidro, tecido de
algodão estampado com cera holandesa,
rede, objetos, capacete de astronauta, botas
lunares e placa de base em aço
Coleção do artista, Londres